



A EDUCAÇÃO PELAS IMAGENS: O ANTICOMUNISMO
NAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS NA
ERA VARGAS (1930 – 1945)

EDUCATION THROUGH IMAGES: ANTICOMMUNISM
IN IMAGE REPRESENTATIONS IN THE
VARGAS ERA (1930 - 1945)

Alexandre Felipe FIUZA¹

Gabriela Cristina Beltramin de BONA²

-
- ¹ Professor Associado do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e do PPGE da UNIOESTE. Licenciado em História pela UFPB, Mestre em Educação pela UNICAMP e Doutor em História pela UNESP/ Campus de Assis. Pós-Doutor em História Contemporânea pela Universidad Autónoma de Madrid (2008) e pela Universidad Complutense de Madrid (2017). E-mail: alefiuza1970@gmail.com.
- ² Graduada em História pela UNIPAR e Mestra em Educação pela UNIOESTE/ Campus de Cascavel. Professora da Escola Municipal São José - Corbélia, Paraná. Integrante do Grupo de Pesquisa História e Historiografia na Educação - UNIOESTE/ Campus de Cascavel. E-mail: gabriela_debona@hotmail.com.





RESUMO

As imagens sempre tiveram grande poder de influência sobre a formação de opiniões na sociedade. As revoluções tecnológicas que vêm se desenvolvendo desde a Revolução Industrial, possibilitaram a difusão de informações em larga escala, sendo muito utilizadas como meio de propaganda pelo Estado para a veiculação de notícias que pudessem fortalecer o *status* do governo vigente. Durante a Era Vargas (1930-1945), este recurso foi amplamente utilizado em diversos âmbitos midiáticos, principalmente no que se refere à criação de uma rejeição ao comunismo no Brasil. Esta visão anticomunista foi incentivada por meio de cartazes e jornais que apontavam a esquerda como um mal para a sociedade, e tornou-se parte do imaginário, enraizando-se na cultura política do país. Estas imagens possuíram um caráter formador no imaginário social, alcançando uma significativa parte da população, até mesmo a iletrada, por reunir elementos de fácil abstração. Tais recursos imagéticos contribuem de forma indireta para uma formação educativa, mesmo não estando inseridos no âmbito educativo formal/escolar. Assim, pode-se destacar que a educação informal funciona enquanto uma linguagem educacional e social, pois tem o poder de alcançar diversas camadas sociais e exerce uma função de formação de opinião.

PALAVRAS-CHAVE

Anticomunismo. Imagens. Era Vargas. Educação Informal.

ABSTRACT

Images have always had a great influence on the formation of opinions in society. The technological revolutions that have been developing since



the Industrial Revolution, made it possible to disseminate information on a large scale, being widely used as a means of propaganda by the State for the dissemination of news that could strengthen the status of the current government. During the Vargas Era (1930-1945), this resource was widely used in several media spheres, mainly with regard to the creation of a rejection of communism in Brazil. This anti-communist view was encouraged through posters and newspapers that pointed to the left as an evil for society, and became part of the imaginary, taking root in the country's political culture. These images had a formative character in the social imaginary, reaching a significant part of the population, even the illiterate, for bringing together elements of easy abstraction. Such imagery resources contribute indirectly to an educational formation, even though they are not inserted in the formal /school educational scope. Thus, it can be noted that informal education works as an educational and social language, as it has the power to reach different social layers and plays an opinion-forming role.

KEYWORDS

Anti-communism. Images. Vargas Era. Informal Education.

1. INTRODUÇÃO

A educação informal está presente na sociedade desde o início de sua formação. De acordo com Bruno (2014, p.14), na modalidade educativa informal, “[...] o agente do processo de construção do saber situa-se nas redes familiares e pessoais, ou nos meios de comunicação.” A partir desta prerrogativa, e dada a importância das imagens nos processos de comunicação



e de expressão da linguagem, torna-se relevante a análise da propaganda iconográfica e sua influência no processo educativo.

Na primeira década do governo Vargas, a propaganda iconográfica foi uma forte aliada na construção de um movimento anticomunista que se fixou no Brasil a partir deste período. Motta (2002, p.136) afirma que o anticomunismo deu origem a um imaginário próprio, com uma junção de imagens dedicadas a representar os comunistas e o comunismo. Por sua vez, estas imagens concentraram-se em apontar aspectos negativos das doutrinas e práticas comunistas.

A propaganda iconográfica se coaduna à modalidade educativa informal, além de ser atribuída por Althusser (1987) enquanto um dos mecanismos inerentes aos aparelhos ideológicos do Estado, auxiliando na manutenção da ideologia dominante e reproduzindo imaginários sociais, que, no caso brasileiro, abrangeu a produção de um imaginário anticomunista. Para tanto, torna-se pertinente abordar os movimentos anticomunistas a partir de uma ótica de educação informal e tendo como foco como os mesmos se apresentam no contexto da propaganda iconográfica varguista.

O presente artigo baseia-se na exploração dos movimentos anticomunistas no Brasil a partir das imagens veiculadas no período, e como este discurso imagético se apresenta enquanto uma linguagem que opera no campo social, comunicando-se com diversas camadas sociais e formando um imaginário anticomunista que pode ser observado até nos dias atuais.

Segundo Motta (2002), na década de 1930, Getúlio Vargas utilizou-se da fala anticomunista, referindo-se a tal ideologia como “perigo vermelho”. O comunismo foi apresentado à sociedade como ideologia e representação de todo o mal social, desde a ameaça contra a moral religiosa, até a associação





com as patologias humanas, criando assim uma associação com elementos nocivos e desestruturadores à sociedade.

Há uma grande profusão de trabalhos acadêmicos sobre o tema, surgidos principalmente nos últimos anos, pois a realidade contemporânea nos remete a este período e a este assunto. As atuais insurgências autoritárias continuam a utilizar-se do discurso anticomunista que teve seu início no século XX, assim sendo, analisar o período de maior profusão deste discurso no Brasil torna-se relevante para que se possa pensar nos mecanismos usados na construção de tal imaginário, com seus atributos ideológicos e o alcance dos mesmos no período varguista.

2. O EMBATE IDEOLÓGICO: A INFLUÊNCIA INTERNACIONAL E A IMPRENSA POLÍTICA NO BRASIL

Desde a Revolução Russa, a esquerda vem se organizando em vários países, chegando com mais força no Brasil a partir da década de 1920, período em que foi criado o Partido Comunista do Brasil (PCB), agremiação política que se erigiu de uma disputa ideológica entre o anarco-sindicalismo e o comunismo, descaracterizando a intenção da classe operária de uma frente única. Esta disputa pela primazia e vanguarda na direção dos trabalhadores aumentou no decorrer da década de 1920, tendo tal polarização enfraquecido a partir da revolução de 1930, onde a esquerda acabou por se unir para resistir à nova frente de espectro de direita que se cristalizou no país.

O embate ideológico entre grupos sociais antagonistas é responsável, nesses anos, pela intensificação da produção de imaginários sociais concorrentes, onde, em torno da ideia de revolução, proliferam



representações – umas, legitimando relações de força; outras, postulando uma nova legitimidade no campo político.” (DUTRA, 2012, p. 39)

A partir de 1930, Getúlio Vargas iniciou um período de intenso controle midiático e de veiculação de propagandas. Considerando a existência de uma maioria da população iletrada, os meios iconográficos foram a principal ferramenta de atribuição de valores que eram passados à população, mas também não apenas em relação à população iletrada, pois as imagens produzem efeitos abrangentes a partir de suas representações. Assim, o campo imagético se torna um forte aliado na repercussão de ideologias, principalmente as dominantes

Com a consolidação do golpe de 1930, criou-se um aparelho de Estado muito mais forte e unificado, propiciando um controle estatal mais eficaz na sociedade. Segundo Althusser (1987), há uma diferença entre aparelhos repressivos e aparelhos ideológicos que legitimam o Estado, embora ambos existam para um propósito comum.

Atentando-se aos aparelhos ideológicos do Estado (AIE), é possível perceber sua grande influência na produção e difusão da informação na sociedade, pois criam normas, opiniões e valores de maneira muito ampla e se capilarizam rapidamente. Durante o governo Vargas, o aparelho estatal foi cuidadosamente controlado a partir do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que produzia, monitorava e censurava todas as informações que chegavam à população. Assim, o DIP foi responsável pela grande parte da veiculação iconográfica da ideologia anticomunista, de origem estatal, apresentando-se de maneira mais visual por meio de charges, caricaturas, cartazes e histórias em quadrinhos.





Através de um controle estatal diversificado e amparado por uma recepção positiva de suas políticas públicas por parte expressiva da população, os AIE funcionaram como nunca antes na história do Brasil, chegando a caracterizar um sentimento de nacionalismo que vinha ascendendo no país no período varguista. Todos estes elementos de controle estatal, incluindo o AIE de informação, levam a um objetivo claro: a manutenção do modo de vida capitalista.

Todos os aparelhos ideológicos de Estado, quaisquer que sejam, concorrem para o mesmo fim: a reprodução das relações de produção, isto é, das relações de exploração capitalistas. Cada um deles concorre para este fim único na maneira que lhe é própria. O aparelho político submetendo os indivíduos à ideologia política do Estado [...]. O aparelho de informação despejando pela imprensa, pelo rádio, pela televisão doses diárias de nacionalismo, chauvinismo, liberalismo, moralismo etc. (ALTHUSSER, p. 78, 1987)

Os instrumentos utilizados para a veiculação da propaganda têm a intenção de criar uma cultura de apelo mais coletivo que tem por fim consolidar o modo de produção e a ideologia capitalistas, para assim criar uma consciência social homogênea e defensora do sistema vigente.

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político [...] Se não todos os empresários, pelo menos uma elite deles deve possuir a capacidade de organizar a sociedade em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços, até o organismo estatal, tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe (GRAMSCI, 2001, p. 15)



A partir deste contexto, é possível identificar as intenções da propaganda anticomunista no período Vargas, no embate à uma ideologia que vinha ameaçando o sistema vigente em todo o mundo. Gramsci (2001) aponta que uma das características mais marcantes de todo grupo que se desenvolve no sentido do domínio social é sua luta pela assimilação e pela conquista ideológica. Por outro lado, são necessárias ressalvas em relação a este poder incomensurável, atribuído ao Estado por Althusser, como se a ideologia atingisse uniforme e igualmente as pessoas. As teorias da recepção denotam a fragilidade desta visão estruturalista. Segundo Barbosa (2016), ao estudar a teoria da recepção de Stuart Hall, é possível identificar as contradições existentes ao definir como uma totalidade o funcionamento da máquina estatal, considerando as diferenças existentes entre a codificação e a decodificação nas operações comunicativas, que se desenvolvem de forma complexa e não linear.

Defende o autor o modelo saussuriano em que a linguagem é uma articulação de diferenças para afirmar que para ele é importante saber analiticamente por que o consumo e a produção são diferentes a fim de falar como eles se articulam discutindo a posição de Althusser em relação à totalidade complexa. Hall discorda do modelo de totalidade aplicada à dimensão individual enquanto afirma que o modelo codificação/decodificação procura pensar os circuitos de comunicação como totalidade complexa e determinada. (BARBOSA, 2016, p.10)

Assim, deve-se pensar nos elementos de contradição existentes neste cenário, sem desconsiderar um clássico como os AIE de Althusser, mas, ao mesmo tempo, identificando as possíveis incoerências no que tange à totalidade deste modelo, como apontado por Barbosa (2016) a partir da leitura de Stuart Hall, ao verificar que as recepções linguísticas e sociais não atingem todas as pessoas uniformemente. Em síntese, pode-se constatar que



os AIE foram muito efetivos durante a era Vargas e determinaram, de modo geral, os acontecimentos históricos referentes à informação e à censura, embora existam rupturas neste processo, pois o mesmo não ocorre de forma homogênea e idêntica.

Os instrumentos utilizados para a veiculação da propaganda têm a intenção de criar uma cultura abrangente que, por sua vez, tem por fim consolidar o modo de produção e a ideologia capitalista, para assim criar uma consciência social homogênea e defensora do sistema vigente.

Percebe-se assim, com a tentativa de manutenção do *status quo*, que o comunismo passou a ter uma conotação “demoníaca”, relacionado com os males do mundo. Utilizando-se destes recursos iconográficos, o governo Vargas difundiu entre a população, a ideia de medo à ideologia comunista, no intuito de reafirmar a posição do sistema dominante.

O resultado de uma grande veiculação de materiais ideológicos é a criação de uma realidade social que passa a ser aceita por significativa parcela da população. Os imaginários costumam perdurar por gerações na sociedade e seus resquícios podem ser vistos até mesmo nos dias atuais. Sobre os aspectos simbólicos que podem ser encontrados no varguismo, pode-se discutir as ideias de Bakhtin (2006), quando este aponta a relação da ideologia com a teorização de signos e significados.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros



termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia. (p. 21)

Sendo assim, a ideologia, que é produzida e reforçada a partir dos meios de comunicação iconográficos, possui um significado e é um signo. Sobre a produção ideológica, o autor complementa:

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.” (BAKHTIN, 2006, p. 22).

3. EDUCAÇÃO INFORMAL E ANTICOMUNISMO: OS IMPACTOS DO INTEGRALISMO, LIBERALISMO E CATOLICISMO

A educação na sociedade se dá por meio das mais diversas instâncias, podendo se apresentar no meio institucional escolar, mas também no convívio em sociedade. Gohn (2006) define as três formas de educação:

[...] a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal





é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (p.28)

A atenção desta pesquisa está voltada para a modalidade educativa informal, detendo-se em como esta se dissemina na sociedade a partir de elementos iconográficos presentes no meio em que estamos inseridos. Segundo Bernet (2003), estaríamos perante um caso de educação informal quando o processo educativo acontece de uma forma submetida a outros processos sociais, quando está envolvido em outras realidades culturais, sendo inerente a outra tarefa, carecendo de um contorno educativo nítido e ocorrendo de forma difusa.

A partir de tais conceitos, é possível perceber que a educação informal está inserida no cotidiano social, sendo esta a forma de educação que consegue atingir todas as camadas sociais. Assim, acaba sendo uma formadora de opiniões e utilizada para veiculação de ideologias da classe dominante. Durante a década de 1930, o governo utilizou-se desta perspectiva para disseminar valores e ideias, dentre eles, o anticomunismo. Segundo Motta (2002), nos anos de 1930 podemos encontrar exemplos de propagandas que se dedicaram a demonstrar que a organização econômica soviética era menos eficiente se comparada ao regime liberal. Além disso, analisaram o desenvolvimento interno da indústria soviética, relacionando-a à baixa produtividade e advertindo que ela produziria um desastre econômico caso o comunismo fosse implantado em outras regiões do mundo.

No Brasil, um dos aparelhos estatais mais utilizados durante o governo Vargas, foi o da Imprensa, pois, através deste, informações foram criadas ou censuradas para que houvesse uma unificação nacional com



ideários homogêneos vinculados ao regime. Os cartazes anticomunistas foram amplamente divulgados durante todo o período da década de 1930, trazendo elementos que tematizavam o “perigo” do comunismo de forma simplificada e impactante.

Além da imprensa do governo, ou controlada por este por meio do DIP, também outras “matrizes ideológicas” (Motta, 2002) compuseram e influenciaram no movimento anticomunista. A junção das instituições e dos movimentos que eram contrários ao comunismo – Estado, Igreja e movimentos extremistas, como o Integralismo – levaram à grande difusão do pensamento anticomunista, principalmente através das mídias.

Os integralistas compuseram um dos maiores grupos de militantes contrários ao comunismo. É importante ressaltar que, assim como nos demais movimentos fascistas, a Ação Integralista Brasileira (AIB) possuía um caráter antissemitista, ultranacionalista e conservador. Bertonha (2001) caracteriza o movimento dos camisas-verdes, como eram conhecidos na altura, com intensas relações com o governo fascista italiano, tanto em sua ideologia, quanto em sua base de relacionamento com a população. Este mesmo governo também fornecia parte dos fundos obtidos pelo movimento integralista no Brasil.

A imprensa integralista foi responsável por uma significativa parte da propaganda anticomunista na Era Vargas e sofreu alterações no decorrer de suas publicações. Para além da divulgação dos ideais políticos fascistas, a AIB também destinava parte de suas publicações para o embate aos movimentos e políticas a que eram contrários. Como exemplo, pode-se citar as revistas *Anauê!*, *Acção* e *A Offensiva*.

No período de existência legal da Ação Integralista foram editados cento e trinta e oito jornais oficialmente ligados ao movimento, sendo

dois de circulação nacional, trinta de circulação regional e cento e seis de circulação local ou nuclear. Também se percebe que os Estados do Sul e Sudeste, acrescidos da Bahia concentram grande quantidade de publicações, enquanto os demais representam uma pequena parte. (OLIVEIRA, 2009, p. 138)

A imprensa integralista possuía alcance nacional, estadual e municipal. Além disso, o diferencial publicitário da AIB se deu na produção modernizada de ilustrações em seu material, fazendo com que sua popularidade aumentasse significativamente, mesmo se tratando de um conteúdo político.

Figura 1. A Panela do Diabo – Fonte: *A Offensiva*, 15.6.1935. BN. apud Motta 2002, p. 92.



Motta (2002) analisa as características que identificam o anticomunismo desde os anos 1920 até 1964, e aponta os componentes que são utilizados



para produzir este imaginário anticomunista através da análise de imagens. Neste período, ainda segundo o autor, o comunismo, o liberalismo e o anarquismo eram vistos como ideais relacionados.

A imagem remete a um dos argumentos mais caros ao pensamento reacionário e contra-revolucionário, a ideia de que liberalismo e comunismo guardariam relações de parentesco e trariam como resultado a destruição da ordem [...] É interessante observar que o tema da panela ou caldeirão apareceu outras vezes na iconografia anticomunista, sempre representando o comunismo como produto de misturas malignas, poções e magias manipuladas por mestres sinistros ou bruxos. (MOTTA, 2002, p. 92).

Alguns elementos característicos podem ser observados na imagem acima, como o diabo e o caldeirão. A propaganda anticomunista na Era Vargas costumava trazer estes elementos de forma caricata e expressiva, representados inclusive de maneira cômica, mas com intencionalidades bem demarcadas. Segundo Motta (2002), neste tipo de iconografia, foram utilizadas muitas menções ao mal, como a morte, o diabo, o vermelho, que originalmente é a cor que simboliza o comunismo, tomando forma do fogo que existiria no inferno. Além disso, o caldeirão também representa a bruxaria, poções malignas, mortíferas e misturas que remetem à morte.

É interessante salientar que, estes componentes permeiam o imaginário social e não dependem de qualquer associação intelectual. A informação dada a partir de elementos gráficos não necessita de provas, pois não é científica, mas sim satírica, inserindo-se na opinião popular de uma maneira sutil e despercebida.

Figura 2. Revista *Anauê!*, ed. 15, 1935 apud Fiorucci, 2016, p.23.



Em outro exemplo de iconografia da imprensa integralista, é possível identificar o embate direto entre o fascismo e o comunismo. A imagem, intitulada de “Os caminhos de Roma e Moscou”, representa os caminhos que levam a uma ou à outra ideologia. Um tigre feroz e selvagem tenta levar a moça indefesa para a esquerda, denominada na imagem como o caminho do caos. Enquanto do outro lado, um cavalo, animal domesticado e dócil, que acata as ordens, representa força e segurança, tenta levar a moça para a direita, descrito enquanto o caminho da ordem.

Além da imprensa integralista, outra área ideológica que se dedicou a combater o comunismo foram os liberais. Este grupo era responsável por uma veiculação a nível nacional e com mais recursos tecnológicos, como a impressão colorida. Os elementos chargísticos de revistas como *Careta* e *O Cruzeiro* ficaram muito conhecidos nos país, dentre os temas mais

desenhados, estava a política. Diferentemente dos integralistas, os liberais compunham imagens de apoio ao regime do presidente Getúlio Vargas, além de criticar veemente o comunismo.

Figura 3. Revista *Careta*, ed. 1439, 1936³.



Diversos elementos podem ser analisados nesta imagem, no entanto, o importante é destacar que a junção destes elementos permite ao leitor a imediata compreensão do que está sendo representado, independentemente de seu grau de instrução. De forma resumida, uma primeira análise dá a

³ Fonte: Hemeroteca Digital.



entender que o estado de guerra, decretado por Vargas a partir de uma emenda constitucional em dezembro de 1935, iria salvar a sociedade do perigo comunista, arrancando-o “pela raiz”. Além disso, este ato do governo seria apoiado pela sociedade, que é representada pelo trabalhador Zé, que assiste ao ato e incentiva as ações do governo.

Uma outra particularidade destas imagens é que elas trazem figuras humanas, o que simplifica a construção de sentidos para o público-alvo. Ainda que elementos subjetivos sejam utilizados nestes processos, a representação humana facilita a expressão de ideias por meio destas personagens, produzindo informação também pela escolha do gênero sexual empregado, pelas expressões de sentimentos estampados nos rostos, pela dinâmica inerente ao movimento corporal ou pelo conhecimento prévio da personagem utilizada. Como assevera Peter Burke, o emprego de imagens de pessoas foi recorrente na história, pois a “[...] solução mais comum para o problema de tornar concreto o abstrato é mostrar indivíduos como encarnações de ideias ou valores” (2004, p.81).

No que concerne ao uso frequente da imagem do próprio Vargas, como na figura 3, há que se ressaltar que tal escolha, ainda que o ditador não tivesse a compleição física das estátuas dos imperadores romanos, deriva também de uma tradição ocidental, quando “[...] um conjunto de convenções para a representação do governante como heróico, na verdade um super-homem, foi estabelecida na Antiguidade Clássica” (Ibidem).

O catolicismo também se apresentou enquanto um grupo ideológico que combatia ferozmente o comunismo. Principalmente a partir da década de 1930, as declarações oficiais da Igreja passaram não apenas a rejeitar, mas também a combater os ideais comunistas, atestando



que eles eram contrários aos “direitos naturais” das pessoas, como o direito à propriedade privada, à família e à autoridade paterna. O catolicismo, enquanto uma instituição ideológica de forte expressão de poder, alia-se à instituição política estabelecida a partir de 1930 com o golpe de Vargas, compondo uma força política-ideológica que possuía, entre outras afinidades, o propósito de eliminar as incidências de uma ideologia política que ameaçava seus interesses.

A Igreja colocava-se na mesma posição das Forças Armadas nas comemorações do aniversário do levante de 1935, alertando os fiéis a respeito de quanto os comunistas já haviam prejudicado o país. Logo, tanto a Igreja como o Estado buscavam legitimidade utilizando o ‘perigo vermelho’ como uma ameaça que lhes cabia enfrentar em nome da sociedade como um todo. A relação estabelecida entre Igreja/Estado na repressão ao comunismo ganha força a partir de 1935. Mas é em nome da ordem, da disciplina, da harmonia, da Pátria, do antiliberalismo, do corporativismo e do anticomunismo – valores fundamentais para as duas esferas – que os laços entre Estado e Igreja se atam, sobretudo a partir do novo regime dos anos 30. (PEREIRA, 2009b, p. 7)

A Igreja Católica também influenciou na criação da personificação do mal comunista, no sentido em que relacionava o comunismo às várias representações de doenças e de elementos ligados ao inferno. Dutra (2012) aponta esta relação, onde o catolicismo relacionava a esquerda ao pecado, como um flagelo da humanidade que deveria ser combatido pelo bem da família, relacionando-o ainda ao crime, ao demoníaco, à peste, dentre outros termos que eram utilizados para criar uma noção desta política, que transpusesse seu suposto real conteúdo. Algumas revistas católicas que publicavam materiais anticomunistas foram *A Ordem*, *O Santuário* e o almanaque *Ecos Marianos*.

Figura 4. Fonte: *Ecos Marianos*, p. 90, 1936 apud Pereira, 2009a, p.88.



A figura acima, intitulada “Os perigos do comunismo”, representa a visão do comunismo enquanto uma ideologia maligna, que visa desrespeitar, profanar e destruir a religião cristã. Segundo Pereira (2009a), a imagem busca representar a violência que adviria dos comunistas. O almanaque católico *Ecos Marianos* discursou diversas vezes sobre o plano bolchevique de destruir os anos de paz trazidos pela solidificação cristã no Ocidente.

Para além da imagem descritiva e dos significados que compõem a mesma, cabe ressaltar a percepção acerca dos inimigos da Igreja, pois apesar de se tratar, teoricamente, de uma instituição com pretensões religiosas, o catolicismo faz inimigos em diversas áreas sociais, desde religiosas à políticas, morais e ideológicas. Ainda de acordo com Pereira (2009a), a intervenção política da Igreja Católica é notável, e o anticomunismo pode ser visto enquanto um instrumento de inserção dos cristãos no processo político do período.



4. O ANTICOMUNISMO NA EDUCAÇÃO

A educação formal também sofreu influências de um plano de governo anticomunista, tendo em vista que, como aponta Romanelli (1986), a escola faz parte de um todo na sociedade, sendo influenciada por agentes extra-escolares, como a herança cultural, que determina os valores a serem seguidos. Além disso, é importante ressaltar a amplitude desta influência. Ao longo das décadas de 1920 e 1930, o êxodo rural tornou-se uma realidade no Brasil, e a urbanização fez com que a população tivesse mais acesso aos projetos escolares do governo.

De acordo com Ferreira (2008), as influências ideológicas dentro das escolas se tornaram verdadeiras lutas para a consecução dos interesses de uma ou outra ideologia. Durante a Era Vargas, as duas principais correntes que disputavam o espaço educacional, era o movimento liberal da Escola Nova, visando projetos mais progressistas, influenciados pelos educadores norte-americanos e alguns europeus. Em contrapartida, havia os defensores da escola tradicional, liderados pela Igreja Católica, que repudiava as alterações propostas pelos liberais. Assim, a saída governamental foi a de buscar responder à demanda dos dois grupos: “A capacidade de conciliar diferentes correntes ideológicas foi necessária para manter e sustentar o projeto nacional, sem bater de frente com oposições” (FERREIRA, 2008, p.27). Esta conciliação, obviamente não incluía a ideologia comunista, sendo esta combatida por todas as demais correntes.

Após os levantes comunistas que ocorreram em 1935, os mecanismos de repressão foram intensificados, sob o pretexto de combater a “ameaça comunista”. Neste contexto, o conservadorismo ganhou mais espaço na área educacional, reduzindo a influência que a Escola Nova vinha ganhando neste

período. Durante a gestão de Gustavo Capanema, a Igreja Católica exerceu significativa influência nas decisões acerca dos projetos educativos.

Assim que tomou posse, Capanema recebeu de Alceu Amoroso Lima um texto manuscrito, com anotações sobre as medidas esperadas pela Igreja no campo da educação, trabalho, defesa preventiva e política exterior. No que se refere aos itens relacionados à educação, Amoroso Lima apontava questões como a seleção de professores especializados, fundação de institutos superiores de ensino para formação do professorado, organização de um conjunto de princípios fundamentais da educação brasileira, elaboração de obras sadias e construtivas na base destes fundamentos e que estivessem sob inspeção do Estado, **combate aos ideais marxistas e soviéticos** e a defesa das humanidades clássicas, entre outras. (FERREIRA, 2008, p. 30, grifo nosso)

É possível observar que a educação formal está diretamente ligada às influências da modalidade informal, uma vez que esta determina o norteamento pedagógico em uma determinada sociedade. A influência das Forças Armadas também era notável no projeto educacional, tendo a educação militar como um dos pilares da educação brasileira desde o início do século XX. Desta forma, o discurso nacionalista esteve muito presente no ensino, não só entre os alunos, mas também na formação dos professores, que eram vistos enquanto referências que deveriam exaltar o nacionalismo. “O governo realizava, portanto, uma política que incluía significativas concessões aos católicos e militares.” (FERREIRA, 2008, p. 32). As três matrizes do movimento anticomunista estavam, conseqüentemente, influenciando diretamente no contexto pedagógico brasileiro.

Além da atuação do movimento anticomunista nas escolas, muitos incentivos governamentais eram dados a partir de atividades extracurriculares, como passeatas, exposições, convenções e desfiles, que disseminavam os

ideais nacionalistas e anticomunistas por todo o país. Com o auxílio do DIP, muitas destas solenidades foram realizadas.

Figura 5. Cartazes colados nas fachadas de prédios, Rio de Janeiro, RJ. Código: BR_RJANRIO_EH_o_FOT_EVE_o2198_doo1odeo010. Arquivo Nacional, 1939.



Figura 6. Cartazes colados nas fachadas de prédios, Rio de Janeiro, RJ. Código: BR_RJANRIO_EH_o_FOT_EVE_o2198_doo01de0010. Arquivo Nacional, 1939.





Assim como as paradas, congressos e desfiles, que levavam milhares de estudantes para as ruas para enaltecer o governo e combater as ideologias “subversivas”, cabe ressaltar a importância da Exposição do Estado Novo, que funcionou de dezembro de 1938 a janeiro de 1939, realizada no Rio de Janeiro⁴, em comemoração ao primeiro ano de aniversário da ditadura varguista. De acordo com Fraga (2017), a exposição contava com a exaltação dos feitos do regime até então, nas mais diversas áreas, comparando o país com o antes e depois de Vargas, divulgando as transformações pelas quais o Brasil vinha passando. O evento era destinado principalmente às massas populares, e, por isso, grandes esforços do governo foram realizados para que a população tivesse acesso à esta Exposição, como a utilização de linguagem acessível nos *stands* e a redução no preço das passagens para se deslocar até o evento.

Além de trazer apresentações acessíveis sobre todas as áreas de atuação do governo, outras atrações fizeram com que a Exposição fosse um grande sucesso e até prorrogasse seu encerramento, como pela queima diária de fogos de artifício, lutas de boxe e concertos musicais. Uma das repartições desta exposição, era o *stand* anticomunista, idealizado pelo Departamento Nacional de Propaganda (DNP), que antecedeu o DIP, e apresentando todos os malefícios advindos do comunismo. O pavilhão anticomunista recebia uma grande atenção, sendo elaborado com a ajuda de todos os Ministérios, inclusive o da Saúde e Educação.

Obviamente, o movimento comunista é descrito em tom depreciativo, de maneira a alertar o público visitante do perigo dos subversivos, considerados

⁴ A Exposição Nacional também aconteceu em Recife, em 1939, num formato similar à exposição carioca, inclusive com um Pavilhão Anticomunista.





os maiores inimigos da pátria brasileira. Para tal, os organizadores da exposição utilizaram muitas ilustrações, como imagens da primeira capa de jornais comunistas e operários que circularam no Brasil, cartazes políticos de candidatos identificados com legendas de esquerda e fotografia e assinatura de Luís Carlos Prestes. Esse fardo emprego de imagens tinha a função de dar um rosto ao inimigo, sempre associando-o a movimentos conspiratórios a serviço dos interesses da Rússia, país que personificava e disseminava o mal pelo mundo (FRAGA, 2017, p. 19).

As várias atrações que compunham a Exposição Nacional também tinham como público-alvo as crianças e jovens, para isso, eram promovidas corridas e sorteios que atraíam este público. Em meio a este cenário, o DNP lançou um livro infanto-juvenil intitulado “Um passeio de quatro meninos espertos na Exposição do Estado Novo”, nesta obra, protagonizada por uma professora que leva seus alunos à Exposição, são apresentados os *stands* aos estudantes que fazem uma excursão ao evento. Este livro foi distribuído pelo governo à diversas escolas brasileiras no período, alcançando assim até mesmo as crianças que não poderiam ter acesso presencial a Exposição.

No pavilhão destinado à Exposição do Anticomunismo, encontravam-se textos, artigos, livros e diversas imagens que divulgavam o combate do governo à ideologia que visava “destruir a nação”. Nos textos também se encontravam narrativas sobre a origem, desenvolvimento e eclosão do comunismo na sociedade ocidental, dando a entender que os grupos operários que se envolveram em práticas comunistas, foram enganados pela “aparente transformação mundial” que, na verdade, vinha para escravizar a população. Além disso, os comunistas eram descritos enquanto “confusos” e capitaneados por uma organização “fraca”, embora perigosa, pois subvertia

os valores sociais e religiosos. Ainda segundo o Catálogo da Exposição Nacional, os comunistas brasileiros viviam de “romantismos e aventuras”, porque acreditavam em um ideal impraticável.

Figura 7. Catálogo da Exposição Nacional do Estado Novo, Exposição Anti-comunista. Fonte: Fundação Getúlio Vargas: Exposição Virtual - CPDOC – 2020.



Juntamente com um artigo explicando “a origem do comunismo”, está anexada a imagem acima, com o título “A bandeira nacional de acordo com a Constituição da República Comunista no Brasil”. Também outras imagens podem ser acessadas no Catálogo, como nas propagandas da campanha eleitoral feitas pelo Bloco Operário para incentivar o voto em candidatos da esquerda. Estas imagens eram intituladas como “O veneno das palavras e das imagens”.



Os organizadores da Exposição Nacional do Estado Novo incluíram no programa da grande exibição de realizações nacionais um extraordinário mostruário sobre o Comunismo. No pavilhão Anti-Comunista da Exposição figurou farta documentação photographica relativa ás desordens communistas no mundo, á miséria na U.R.S.S. e ao levante de 1935 no Brasil. Acompanhando essa impressionante exibição, figuraram centenas de documentos, photographias, pamphletos, monographias, cartazes, bandeiras e outros elementos de agitação e propaganda do communismo no Brasil. (Catálogo da Exposição Nacional do Estado Novo, CPDOC, 2020)

Estes elementos “extra-curriculares” foram muito incentivados no período, fazendo com que a ideologia do governo se propagasse da forma mais ampla possível, o que revela o anticomunismo enquanto um projeto altamente estruturado, permeando tanto a modalidade formal, quanto informal da educação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar no decorrer deste artigo que as relações entre a educação informal vinculada à iconografia e aos movimentos anticomunistas no Brasil são recorrentes. De acordo com Motta (2002, p.86), a difusão de imagens durante este período teve eficácia no que tange ao exercício da propaganda anticomunista. Tal iconografia, por sua vez, auxilia a desvendar os traços das representações anticomunistas com uma conotação de violência, morte, ameaça estrangeira, escravidão, pecado e, no limite, o próprio “mal” consubstanciado no inimigo político.

Como aponta Dutra (2012), os movimentos anticomunistas surgiram enquanto ideologia no embate entre a direita e a esquerda ainda no início da década de 1920, e se consolidou a partir do Estado Novo, onde o governo





varguista utilizou-se do DIP para veicular informações e imagens que viessem a fortalecer um Estado nacionalista e a enfraquecer possíveis “ameaças estrangeiras”. Ainda no campo político, Althusser (1987) conceitua a organização dos AIE, apontando o aparelho da Imprensa enquanto fundamental para a disseminação e reprodução das ideologias dominantes.

A partir do referencial da análise da linguagem feita por Bakhtin (2006) é possível perceber a aproximação das ideologias com o meio social às quais estão inseridas. Por sua vez, Girola (2006) define a abordagem de Bakhtin sob a perspectiva de que tudo o que é ideológico, segundo o autor, possui um significado e remete a algo que está situado fora de si mesmo. Assim, tudo o que é ideológico pode ser chamado de signo. Sem os signos não há ideologia. Um objeto físico converte-se em signo, quando, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir em certa medida de uma a outra realidade. Portanto, a iconografia e os signos que ela maneja foram de fundamental importância para a construção da imagem comunista e ainda mais precisa na produção de imagens anticomunistas.

Enfim, as imagens anticomunistas foram difundidas por iniciativa estatal, religiosa, partidária e empresarial, alcançaram as mais diversas classes e grupos sociais, foram ressignificadas em diferentes períodos da história brasileira e também se valeram da reprodução de imagens produzidas em outros contextos nacionais. Tais imagens apresentavam certa capilaridade, ainda que de difícil mensuração de seu alcance, mas que potencialmente alcançavam o tecido social e contribuíam para que não fossem meramente representações do campo simbólico, pois produziram efeitos sociais e materiais.



Esta iconografia anticomunista contribuiu também para a manutenção de relações sociais baseadas na desigualdade, frearam movimentos progressistas e de modernização social, levaram perseguição política, prisão e morte a homens e mulheres estigmatizados como perigosos comunistas. Estas imagens ainda encontram ressonância na sociedade brasileira contemporânea, repercutindo velhas estratégias ideológicas na construção do inimigo político e contribuindo para práticas e visões de mundo autoritárias, e o pior, das mais altas esferas do poder às mais elementares vicissitudes do cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do Estado**. 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BARBOSA, P. Teoria da recepção – Stuart Hall. **Grupo Museu Patrimônio: Série de Seminários Regulares**, USP, 2016, p. 1-13.

BERNET, T. **La educación fuera de la escuela**. Âmbitos no formales y educación social. Barcelona: Ariel, 2003.

BERTONHA, J. F. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 21, n. 40, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 12 ago. 2020.

BRUNO, A. Educação formal, não-formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. **Mediações** – Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: http://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/view/68/pdf_28. Acesso em: 20 abr. 2020.

BURKE, P. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CATÁLOGO da Exposição Nacional do Estado Novo, CPDOC, 2020. Disponível em: <https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/exposicao-nacional-do-estado-novo>. Acesso em: 20 abr. 2020.

DUTRA, E. **O ardil totalitário**: imaginário político no Brasil dos anos de 1930. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

FERREIRA, R. C. **A comissão nacional do livro didático durante o Estado Novo (1935 – 1945)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo.

FIORUCCI, R. **O comunismo nas páginas da revista integralista Anauê (1935-37)**: o inimigo (inter)nacional. São Paulo: Perseu, 2016.

FRAGA, A. B. A propagação das ideias anticomunistas para crianças na Exposição Nacional do Estado Novo (1938). **Cordis**, São Paulo, n. 18, p. 3-38, jan./jun. 2017.

GIROLA, M. K. Signo e ideologia: a contribuição bakhtiniana para a filosofia da linguagem. **Língua e Literatura**, v. 27, p. 319-332, 2004.

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: avaliação das políticas públicas de educação, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.



GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MOTTA, R. P. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917 – 1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

OLIVEIRA, R. S. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PEREIRA, M. A. M. O discurso anticomunista católico e as imagens da Guerra Civil na Espanha: ordem x desordem. **História Social**, n. 17, 2009a.

_____. O anticomunismo católico em cena. **Revista Nures**, São Paulo, n. 11, p.1-24, jan./abr. 2009b.

ROMANELLI, O. **História da educação no Brasil**. 8 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

